



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MIRIAM LIA WEBER

(depoimento)

2004

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-52

Entrevistado: Miriam Lia Weber

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Karine Dalsin/Giovani Frizzo

Data da entrevista: 23/03/2004

Transcrição: Camile Romero

Conferência Fidelidade: Camile Romero

Copidesque: Johanna Coelho von Mühlen/Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Johanna Coelho von Mühlen

Fitas: (01 fita) 52/01-A

Total de gravação: 30 minutos

Páginas Digitadas: 12

Catalogação: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 01707/2007/01

Nº da fita: 01707/2007/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

WEBER, Miriam Lia. *Miriam Weber (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2007.

Sumário

Relato sobre o envolvimento com o esporte da entrevistada; competições de voleibol feminino a partir da década de 60; jogos Abertos Femininos; apoio da família e da mídia para a prática de esportes; seleção gaúcha de voleibol feminino.

Porto Alegre, 23 de março de 2004. Entrevista com Miriam Lia Weber, a cargo dos entrevistadores Karine Dalsin e Giovanni Frizzo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória Esporte.

K.D. – Miriam, eu gostaria que tu falasses para nós sobre como tu começaste no esporte... Como começaste a praticar esportes?

M.W. – Bom, o esporte eu iniciei na minha... Ah, vamos dizer na minha infância. Já no colégio, eu comecei estudando no Colégio Concórdia¹, lá eu já praticava esporte, também, já gostava. Depois mudei do Colégio Concórdia para o Colégio Americano², lá sim é que me enfrontei mais no esporte. Lá... Eu entrei praticamente no voleibol no Colégio Americano... Lá que me descobriram, mas como eu morava próximo ao Petrópolis Tênis Clube³, eu morava em Petrópolis⁴, eu fui jogar a principio no Petrópolis Tênis Clube. Era assim, um time muito simples, não tinha nada de maior, era só mais recreativo, não era nada de oficial, de disputa de campeonato. Era mais para distração. E, depois, quando houve um torneio em Petrópolis, um técnico da SOGIPA⁵ me convidou para ir jogar na SOGIPA. Seu... Como era nome dele... Edgar Maria Daudt⁶ era o nome do técnico. E, foi aí que eu comecei na SOGIPA. Aí, desde lá até 1967. Isso foi em 51, 67 é que eu me desliguei definitivamente.

K.D. - Mais alguma modalidade tu praticaste ou só o voleibol?

M.W. - Só o voleibol, só o voleibol.

K.D. - Como que era a educação física escolar? Tinha estímulos para que...

M.W. – Tinha, tinha atletismo, Eu também... Eles quiseram muito na escola que eu entrasse mais para o lado do atletismo, mas eu gostava mais era só de brincadeira isso.

¹ Colégio Concórdia. Fundado em 1972

² Colégio Americano. Fundado em 1889 com o nome de Colégio Evangélico Misto nº 1.

³ Petrópole Tênis Clube, fundado em 07 de setembro de 1941.

⁴ Bairro da cidade de Porto Alegre

⁵ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867 passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre 1867, em 1942.

⁶ Nome sujeito à confirmação

Agora para uma, vamos dizer, profissão, que eu às vezes pensava que pudesse ter era o voleibol. Mas no atletismo eu também me destaquei em corrida; gostava de salto em distância, corrida, vamos dizer, com obstáculos também eu fazia. Então, foi nessa parte que eu me localizei no esporte.

K.D. – E, na escola, era separado o conteúdo das aulas de educação física dos meninos e das meninas?

M.W. - No Colégio Concórdia sim. E, no Colégio Americano, era só feminino, então, eram só, praticamente, as moças lá no americano.

K.D. - Lembra qual era o conteúdo das aulas?

M.W. - E agora? Faz tanto tempo...

K.D. – Voleibol, atletismo...

M.W. - Voleibol, atletismo, ginástica tinha muito também... Olímpica, rítmica também um pouco e eu acho que era isso.

K.D. - E práticas desportivas: voleibol, atletismo?

M.W. – Isso é o que eu mais me dediquei na época.

K.D. - E a tua família de apoiava?

M.W. - Olha no começo foi um pouco difícil. Praticamente... No voleibol eles não gostavam muito que os treinamentos eram à noite. Então, eles não gostavam muito que eu saísse à noite e viesse tarde para casa e esta coisa, mas no fim, o técnico convenceu a família e deu certo e, no fim, eles nem puseram mais obstáculo nenhum, aí foi tranquilo.

K.D. – Tu te lembrás das primeiras competições de vôlei que do participaste?

M.W. - Eu tenho aqui no [mexe em um saco plástico]... Assim de cor agora eu não lembro, foi em 51 que eu comecei... Iniciativa eu não sei se... Vai te ajudar para eu te dizer, para me basear por aqui... Não sei, tudo começou no vôlei... No Petrópolis Tênis Clube.

K.D. - Vamos tirar os plásticos só para...

M.W. - Aqui tem diplomas e coisas aí dentro...

M.W. – Aqui foi o jogo amistoso no Petrópolis Tênis Clube e com o Aliança de Novo Hamburgo⁷. Isto foi maio de 51.

K.D. - E a que... Tu lembra do Campeonato Brasileiro de 52, em Porto Alegre⁸?

M.W. – Deixa-me ver 52... Houve uma competição internacional em 52 da SOGIPA com a seleção argentina. 52, vamos ver se eu tenho alguma coisa de 52, isso aqui já é 53... 52, Campeonato Brasileiro... Eu acho que eu ainda não peguei em 52, o brasileiro mesmo eu peguei eu acho que em 53, em 53 é, foi 53, eu acho que comecei a pegar seleção para competir fora do estado.

K.D. - Tu jogaste na seleção?

M.W. - Joguei na seleção gaúcha!

K.D. – E, como eram os treinamentos da seleção gaúcha, como...

M.W. – Ah, eram bastante puxados quase sempre era uma noite e sábado era geralmente de tarde e durante a semana era noite, vamos dizer, das 8 às 10 ou, então, das 7 às 9, ou das 8 às 10, porque a gente também não podia ir muito tarde para casa naquela época. Então, eles não davam treino até muito tarde. A gente dependia de condução, era tudo por conta da gente, então, tinha que se virar.

⁷ Sociedade Aliança da cidade de Novo Hamburgo. Fundado em 1950.

⁸ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

K.D. - Tinham bastante moças que praticavam voleibol?

M.W. - Tinham bastante moças. Tinha sim, às vezes, dava para formar dois, três, às vezes quatro times, né! Tinha bastante gente, o pessoal era bem... Gostava de praticar.

K.D. – E a questão da competição era presente? Ou praticava pelo prazer do esporte ou queria estar na seleção...

M.W. - Ah não, quando eu comecei a jogar, eu quis ir mesmo para a seleção, pegar uma seleção gaúcha, era o meu intento. Então, eu me esforçava, não tinha namorado, deixava namorado de lado, não ia a bailes nem a festas nem nada, só para os treinamentos. Eu realmente tomei ao pé da letra o negócio, não ia a festas quando tinha jogo no outro dia, não ia a nada, ia dormir cedo. Tudo isso a gente preservava bastante, fazíamos por amor à camiseta. Na nossa época... Olha, porque eram tudo clubes amadores, não tinha nada de receber dinheiro, alguma coisa. A gente fazia por amor à camiseta, gostávamos mesmo.

K.D. – E a tua família, era vinculada ao clube também?

M.W. – É, eles eram sócios do clube, no caso... E meu tio também, por quem eu fui criada. Ele também era um esportista, ele era remador do Vasco da Gama⁹ e tinha uma irmã, prima-irmã que jogava voleibol na época dela. Então, eles já eram meio ligados no esporte também, por isso que no começo teve uma certa cisma para o esporte, mas, depois, eles deixaram, né! Eles não puseram nenhum empecilho mais, eles gostavam também do esporte.

K.D. - Neste período que jogaste, década de 50 e 60, se fosses caracterizar o voleibol daquela época, como é que tu falarias do voleibol?

M.W. – Olha... Hoje, eu nem sei como é que eu vou te dizer, como é que eu vou definir um... Porque, naquela época, qualquer tamanho de pessoa tinha chance de jogar como eu, por exemplo, e eu sou baixa para jogar voleibol. Atualmente não teria vez nunca pela minha estatura, mas, naquela época, eu era a só levantadora, então, levantadora tanto fazia:

tinha um metro e meio de altura, um metro e cinqüenta, um metro e sessenta, não tinha problema nem um. Agora, é claro, cortadora sim. E, também não eram tão rígidas as normas, vamos dizer, do jeito que tu batia na bola: ou recebia ou por cima. Só mais tarde é que a gente foi pegar com a manchete a bola que daí tinha problema, mas, senão a gente pegava sempre por cima a bola com a mão. Era tranqüilo. Claro que, hoje em dia, é mais arte, hoje em dia, eu acho o voleibol... E, mais força. Naquela época, não tinha nada disso, era mais ver um jogo bonito, vamos dizer, fazer os três passes... Hoje em dia não, hoje em dia, tu podes também fazer três passes, mas tu podes no segundo, no primeiro passe cortar, tu vais em frente. Na minha época, não tinha aquele ritual fazer os três passes: um recebia passava para o levantador/levantadora, para cortadora, era isso aí, neste estilo assim.

K.D. - E as equipes mais fortes?

M.W. - Olha as equipes mais fortes da época eram a SOGIPA e a INCA¹⁰ que, na época era a ACM¹¹, era a INCA o nome. Depois, o União¹² também foi uma equipe bastante competitiva, sempre era o adversário mais forte da SOGIPA. Não tinham muitas equipes e, as equipes, vamos dizer assim, elas tinham uma diferença grande, porque tinham umas equipes modestas. Mas, depois, tinham umas outras, no caso como a SOGIPA e o União, que sempre se destacaram porque tinham gente mais competitiva. Os outros, já eram clubes que tinham, vamos dizer, menos gente que freqüentam de porte físico bom e que tinha cortadas boas, atletas, né! Então, a diferença era essa: praticamente dois clubes em Porto Alegre que se destacavam...

K.D. - Mas as atletas que se destacavam nestes clubes menores, não era a tendência que fossem jogar no União ou na SOGIPA?

M.W. - Às vezes eram convidadas, mas tinha tanta atleta do clube, no caso a SOGIPA e o União, que nos outros clubes já era mais difícil porque para ter chance também de jogar. Jogavam nos outros clubes, eram... Jogavam como, vamos dizer, titulares, se elas viessem

⁹ Clube de Regatas Vasco da Gama, fundado em 28 de janeiro de 1917.

¹⁰ Nome sujeito à confirmação.

¹¹ Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

¹² Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

para SOGIPA ou para o União, talvez ficariam como reservas, então, por isso, que era muito difícil para conseguir uma equipe boa, homogênea.

K.D. - 51 foi o ano que começaste a jogar...

M.W. – Na SOGIPA.

K.D. – Na SOGIPA. Antes disso teve o Petrópolis...

M.W. – O Petrópolis Tênis Clube. Sim, mas ali foi pouco tempo que eu joguei...

K.D. – E, antes disso, tu jogaste numa escola...

M.W. – Numa escola, no Colégio Americano.

K.D. – Tens idéia de que ano, mais ou menos, foi isso?

M.W. – Olha foi 48, 49... Joguei no Americano voleibol 48, 49, 50... Por aí... Depois, em 51, eu já fui para a SOGIPA.

K.D. – E, antes deste período, tu te lembras da SOGIPA ter equipe de voleibol?

M.W. – Tinha. Tinha até uma grande jogadora na época, a Elena Bins¹³, não sei se chegaram até a falar dela. Elena Bins foi uma atleta completa, foi uma ótima cortadora, foi uma grande atleta da SOGIPA, tanto é, que ela foi convocada para a seleção brasileira... Era boa, das que eu me lembro, ela foi uma das que mais se sobressaiu.

K.D. - É que eu ouço falar mais do voleibol final da década de 40 e, início da década de 70 em diante... Este período anterior, eu ouço falar muito pouco do voleibol feminino...

¹³ Elena Bins Livi

M.W. - Tinha a Margot Ritter¹⁴, que veio depois da Elena Bins, que foi da minha época, que foi da minha turma. A Margot, que foi uma grande jogadora, atleta completa também em atletismo, em vôlei, basquete também então... Eu acho que Margot foi uma das grandes jogadoras do Rio Grande do Sul na época 50, 60, 70, até 70 e poucos.

K.D. - Como que era o estímulo para que as moças praticassem alguma modalidade esportiva? Tinha um incentivo para que praticassem algum esporte? Quais modalidades que as tuas amigas praticavam mais?

M.W. – Olha, amigas só as do esporte por que as outras amigas que eu tinha fora do esporte, nunca se interessaram por esporte. Eu mais me fiz amizade com essa turma com quem eu convivi no esporte... É isso aí.

K.D. – E ao o quê tu credits esta tua afeição pelo vôlei?

M.W. - Olha talvez pela minha irmã, prima-irmã, por quem eu fui criada. Ela jogava e eu sempre acompanhava ela para os treinos para ela não vir sozinha para casa. Ela me levava junto eu ia com ela, eu era pequena ainda, eu assistia e, eu gostei quando eu vi, gostei do voleibol e pensei que futuramente é para este esporte que eu vou... E, foi isso aí que me incentivou a vir para o vôlei.

K.D. - Sentiu em algum momento alguma restrição, algum comentário maldoso, alguma coisa por tu praticar esporte?

M.W.- Não, nada. Só o pessoal sempre dizia, na minha família: “Ah tu larga tudo, tu deixa o esporte, não tem namorado o que é isso? Não vai a baile, não vai a festas tu deixas tudo por causa do esporte!” Mas eu gostava o que adianta? Não dava para ser diferente. Eu sempre pensava: eu ainda vou ter tempo para isso aí, então, vamos deixar... Realmente eu não me casei muito nova. Enquanto eu era esportista eu não tinha namorado, quer dizer, namorado é modo de dizer, a gente sempre tinha um namorico. Estes campeonatos que a gente ía sempre tinha o campeonato de vôlei masculino e feminino, na nossa época, os dois eram geralmente sempre juntos, no mesmo período. Então, a gente sempre tinha uma

¹⁴ Margot Martha Ritter da Costa

peessoa com quem a gente se dava mais, se entrosava melhor, um relacionamento... Mas, naquela época, era tudo na base da amizade mesmo, éramos só amigos. Fiz bastante amigos nessa época de outros estados, também, a gente conheceu bastante gente. Os campeonatos brasileiros eram fora do estado ou, então, dentro do estado mesmo. A gente ia para o interior conhecer bastante gente, eram só amigos assim na base da amizade.

K.D. - Teu namorado era do esporte?

M.W. - Não. O meu marido no caso, né? Não. Ele me conheceu no esporte, mas não era do esporte. Agora, ele gostava de me ver jogando [risos].

K.D. - E como é que tu te afastaste?

M.W. - Do vôlei? Ah, quando eu notei que estava na época de eu... Parar... Eu acho que já tinha daí uns 32 anos. Eu resolvi parar, 33 por aí eu resolvi parar. Eu achei... Olha, eu acho que a minha vez já foi, agora, tem que dar chance para outros.

K.D. - E... Os Jogos Abertos Femininos? Tu jogaste?

M.W. - Joguei também, joguei aqui pela SOGIPA.

K.D. - Pode falar um pouquinho para a gente dos Jogos Abertos. O que era, como é que era?

M.W. - Era assim um... Vamos dizer, um torneio, que reunia muitas equipes de outras cidades de interior. Vinham os desfiles, sempre vieram aqui na SOGIPA e, a gente, então... Tinham primeiro os desfiles, a gente desfilava. Depois, tinham os torneios, a gente jogava uns contra os outros. Ou eram chaves feitas porque, às vezes, eram bastante equipes que disputavam os torneios. Então, às vezes, era por chaves ou, quando eram poucas equipes, era um contra todos.

K.D. - E tu gostava de jogar os jogos abertos?

M.W. - Olha eu participei eu acho que... De três ou quatro só... Eu acho... Eu gostava de... Tudo que era coisa de vôlei eu estava lá, eu gostava de participar.

K.D. - Só jogava no vôlei?

M.W. – Só no vôlei.

K.D. – E tinha diversas modalidades?

M.W. – Ah, diversas modalidades, tinha também de atletismo, mas nesta eu não quis entrar. Eu pratiquei mais atletismo na época da escola, colégio, mas depois, quando eu vim para o voleibol eu pensei que eu vou me dedicar mais para um esporte só e vou ficar nisso aí. Fiquei só no vôlei.

K.D. - Mas os Jogos Abertos chegavam a mudar a rotina do clube? Os teus familiares e amigos chegavam a... Se envolver, assistir...

M.W. – Ah sim, iam assistir, iam assistir sim, assistiam sempre que podiam. Assistiam... Era uma época bem bacana porque reunia bastante gente, amigos e tudo, era bem legal.

K.D. - Mas nos outros jogos, nas outras competições também...

M.W. – As outras competições iam, mas meus tios já não gostavam muito porque sempre era a noite, eles eram muito caseiros, então, não iam, só os amigos que iam, conhecidos.

K.D. - Tinha bastante público para assistir?

M.W. – Sempre tinha, quando tinham torneios importantes e campeonatos das cidades sempre enchia bastante. Principalmente no interior, quando a gente ia jogar no interior então, eram bem cheios os clubes, a gente jogava... A frequência era bem alta.

K.D. - Em que cidades?

M.W. - Santa Cruz principalmente, Passo Fundo, Bagé também, Bagé também fui, qual é a outra cidade... Uruguaiana, mas mais foi Santa Cruz, a gente ia bem seguido. Cachoeira também, Cachoeira, Santa Maria¹⁵.

K.D. - Campeonatos estaduais?

M.W. - Estaduais e intermunicipais também... Quando a gente fazia... A gente participava.

K.D. – E, a disputa pelo título mesmo... Era Porto Alegre que tinha mais destaque?

M.W. - Geralmente tinha mais destaque Porto Alegre, geralmente... Porque os clubes do interior eram bons também, principalmente Santa Cruz, era o rival mais forte do interior, mas mesmo assim Porto Alegre sempre se sobressaía.

K.D. – E, um pouquinho mais sobre a tua convocação para a seleção gaúcha, porque estes... Os brasileiros, deste modo que aconteciam, não acontecem mais, de fazer a seleção dos estados e jogar contra eles.

M.W. – Eu não sei, eu acho que não tem mais agora, acho que não tem mais atualmente. Antigamente, era muito... Todo o ano tinha campeonato brasileiro. Eram cidades diferentes: São Paulo¹⁶, em Santos¹⁷, no Rio¹⁸, em Belo Horizonte¹⁹, Curitiba²⁰. Então, nestes todos eu participei, até no de Curitiba, foi o Campeonato Centro-Sul Brasileiro que nós as gaúchas, fomos campeãs brasileiras... Centro-Sul Brasileiro.

K.D. - Qual era a diferença do campeonato Brasileiro para o Centro-Sul Brasileiro? E, tinha o Sul-brasileiro também...

M.W. – Não tinha só o brasileiro e, teve duas vezes ou três, depois, não houve mais o Centro-Sul Brasileiro, acho que houve poucas vezes o Centro-Sul Brasileiro na época em

¹⁵ Cidades do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁶ Capital do Estado de São Paulo

¹⁷ Cidade do Estado de São Paulo

¹⁸ Capital do Estado do Rio de Janeiro

¹⁹ Capital do Estado de Minas Gerais

que eu jogue. Depois de mim, talvez, tiveram outros, mas eu participei só de um Centro-Sul Brasileiro foi 57, 53, 56, por aí. Agora, Brasileiro mesmo, tinha todo o ano, tinha o Campeonato Brasileiro, tinha São Paulo, Rio, Minas...

K.D. – E, a maioria, grande parte do time de vôlei deu origem ao time de basquete...

M.W. – Bom, tinham muitas que jogavam vôlei e, jogavam basquete também.

K.D. - Não pensasse nisso?

M.W. – Não, basquete nunca... Nunca gostei, gosto de assistir, adoro olhar, olho sempre. Agora também quando tem estes torneios de basquete eu assisto, gosto de ver, jogar nunca me interessei.

K.D. – Tu acreditas que as mulheres possam ter relutado um pouco mais a jogar basquete? Porque o vôlei não tinha contato físico e o basquete tinha que este contato físico mais direto...

M.W. – Olha, não sei porque. Eu nunca joguei basquete, não posso saber se realmente era isso ou não, mas eu acredito que não, eu acho que isso não, não tem assim... É que tem que ver se tu tens vocação para aquela modalidade de esportes, se tu não tem, não adianta. Se tu não gosta, também tu querer insistir... Tem que gostar para fazer aquele esporte, se não, não adianta.

K.D. - E a mídia dava bastante... Os jornais...

M.W. – Os jornais comentavam bastante, falavam bastante dos torneios, dos jogos, dos campeonatos da cidade e tudo mais que tinha. Eles falavam bastante, davam bastante apoio.

K.D. – Ajudavam a promover coisas...

²⁰ Capital do Estado do Paraná

M.W. – A promover bastante, saía bastante coisa.

K.D. – Isso dava um incentivo...

M.W. – Ah, incentivo a gente gostava, ver tua cara no jornal ou, então, dizer que tu vais participar de um torneio. Eu gostava bastante, sem dúvida.

K.D. – Bom, por enquanto, eu agradeço a entrevista, teu depoimento...

M.W. - Não foi muita coisa e, eu não pude ter ajudar em muita coisa, mas sempre alguma coisa aproveita-se.

K.D. – Com certeza, obrigada.

M.W. - Eu que agradeço.

[FINAL DO DEPOIMENTO]